



1290000693



TCC/UNICAMP D131s



MONOGRAFIA

SETOR TERCIÁRIO E EMPREGO NOS ANOS 90

Estado de São Paulo

Aluno: Josué C. d'Afonseca Neto

Orientador: Prof. Rui G. Granziera

Banca: Prof. Carlos A. Pacheco

NOVEMBRO DE 1996

TCC/UNICAMP
D131s
IE/693

CEDEC/IE

AO MEU PAI

Índice:

Introdução	4
Capítulo 1 <u>A Definição de Serviços</u>	8
Capítulo 2 <u>Dados Disponíveis</u>	13
Capítulo 3 <u>Análise</u>	27
Conclusão	40
Bibliografia	43

Introdução

A proposta deste trabalho é estudar o setor terciário, mais comumente chamado de setor de serviços. Para esclarecer dúvidas quanto a nomenclatura, no primeiro capítulo será feita a classificação do que se chama setor de serviços levando em consideração autores da literatura acadêmica.

Na seqüência os dados sobre tal setor são apresentados em forma de tabelas e gráficos para poder saber quais foram as transformações ocorridas na estrutura de emprego e renda. São informações referentes ao Estado de São Paulo e Brasil. Será realizado uma comparação de quais setores absorvem mais mão de obra segundo institutos de pesquisa como IBGE, SEADE e também dados do Ministério do Trabalho.

Serão ainda comparados estes dados com o crescimento da renda gerada (PIB) de cada ramo do setor serviço para, ao final do trabalho, mostrar que este setor não é mais capaz

de absorver uma mão de obra ociosa ou que seja proveniente de outros setores.

Leva-se em conta na análise do setor terciário a possibilidade da criação de “novos serviços”, destinados a um público diferenciado, como é proposto por alguns autores aqui citados. Tal situação se apresentou no Brasil na década de 1980 sob a forma predominante de terceirização dos serviços e tarefas das empresas industriais. Há então um aumento no número de pessoas empregadas neste ramo de atuação, porém, já no final da década observa-se que o número de pessoas neste setor já não cresce da mesma forma como anteriormente.

Inovações tecnológicas afetam diretamente o emprego na indústria bem como nos serviços. Este é outro fato que possa vir a contribuir para limitar a capacidade de criação de novos empregos neste setor que atualmente mais emprega mão de obra, não só no Brasil mas também nos demais países avançados.

Pensando-se por exemplo em catracas eletrônicas nos ônibus de transporte urbano, lojas virtuais nas quais as compras são realizadas pelos clientes em casa por meio do computador doméstico, jornais, revistas, informativos, cartas virtuais também recebidas pelo computador, são situações que no limite reduzem a necessidade de mão de obra em massa para atender estas tarefas e serviços. Não esquecendo que algumas transformações desta natureza possam representar grande aumento na renda de outros ramos da economia como por exemplo como de fato ocorre com o ramo das Telecomunicações. Deve-se enfatizar ainda que a necessidade de empregar mais trabalhadores mesmo neste ramo é diminuída frente a constante automação de diversas tarefas, mesmo no setor de serviços.

Por meio de alguns dados numéricos e algumas considerações de outros autores, mostrarei os que o setor terciário no Brasil e mais especificamente no estado de São Paulo está

empregando menos trabalhadores, e sua capacidade de absorver mão de obra, pode-se pensar, está reduzida.

Capítulo 1

A Definição de Serviços

A classificação do setor de serviços não é unânime na literatura acadêmica. Diversos autores fazem suas classificações e definições do que se entende por setor de serviços e terciário. Alguns deles são Fisher (1952), Hill (1977), Riddle (1986), Singlemann (1978). As diferenças estão relacionadas com o tipo de produção ou o propósito dessa produção.

Para Fisher, o primeiro a utilizar o termo “serviços”, essa atividade econômica é caracterizada por não ser produtora de bens materiais.

A visão de Hill, mais elaborada e mais universal, analisa o processo de produzir o serviço que “é a atividade que afeta a pessoa ou produto pertencente a alguma unidade econômica, enquanto que o produto do serviço é a mudança na condição da pessoa ou bem afetado”¹ Os serviços são ainda divididos em dois grandes grupos segundo o autor: os que afetam pessoas e os que afetam bens. A discussão prossegue com a definição das características de diferenciação dos serviços: intangibilidade,

¹ Andrade, M. V. (1994)

intransportabilidade, inestocabilidade, perecibilidade e, produção e consumo simultâneos.²

Essa idéia tem alguns problemas quanto a sua abrangência nos diversos tipos de serviços. “Há uma lacuna importante: uma parte dos serviços diz respeito não propriamente a pessoas e ‘coisas’, mas também à organização de ambas (serviços de gestão, contabilidade, organização do trabalho, etc.)”.³

Riddle propõe uma definição a partir de três elementos: a natureza do produto, os insumos e o propósito do processo de produção. A indústria do serviço teria um produto intangível. Quanto aos insumos, os serviços atuam sobre pessoas ou suas posses. O propósito dos serviços seira prover utilidades de tempo lugar e forma.⁴ Porém a própria autora admite não ser necessária o atributo da intangibilidade do produto do serviço, ficando mais uma lacuna na caracterização do setor de serviços

Singlemann propõe uma divisão para a atividade de serviços, segundo a orientação da demanda dos serviços:

² Para mais sobre Hill: ver Andrade, M.V. (1994) e Hill (1977)

³ Silva A.C. M. (1990)

⁴ Para mais sobre Riddle: ver Silva, A. C. M. (1990) e Riddle (1986)

a) Distributivo destinado às empresas posteriormente ao processo industrial de fabricação;

b) Produtivo destinado às empresas durante o processo industrial de fabricação;

c) Pessoal destinado à demanda individual;

d) Social destinado à demanda coletiva.

Para uma análise teórica sobre os movimentos de emprego, renda, relação com a indústria, com o setor agrícola, qual atividade é mais influenciada pelos movimentos da indústria, e qual a atividade tem menor relação com ela, deve-se agrupar os ramos de atividades conforme o destino de sua produção, e não simplesmente pelo tipo de produto. Desta maneira pode-se portanto analisar qual a dinâmica intersetorial através dos serviços **produtivos** e **distributivos**. “Os serviços produtivos e distributivos aparecem como insumos intermediários ao processo de produção”⁵, daí a relação com a produção industrial.

Não existe hoje um instituto de pesquisa brasileiro que faça um levantamento de dados seguindo os conceitos de Singelmann - separando os serviços em produtivos, distributivos, pessoais e sociais. O que há de mais

⁵ Andrade, M. V. (1994)

significativo e atual são os dados da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) através da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios (PENAD), realizada anualmente, em todo o território nacional. Sua atualização chega até o ano de 1993, e será a base de dados relativa a população empregada no estado de São Paulo deste trabalho.

O Ministério do Trabalho possui a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), pesquisa também anual, tomando como base de dados o Cadastro Geral de Contribuintes e os dados da carteira de trabalho na data de 31/12 de cada ano. Esta fonte apresenta dados até 1993.

O convênio Seade-Dieesse realiza desde 1985 a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), ou seja, possui dados atualizados até o ano presente para a região metropolitana de São Paulo. Trata-se de uma pesquisa amostral, com conceitos de emprego e desemprego distintos do MTb e FIBGE. As principais diferenças estão quanto a classificação da situação do trabalhador quando se encontra em desemprego.

Cada fonte primária de dados tem sua característica. Para uma análise das transformações ocorridas em todo o setor terciário, abrangendo os serviços, o comércio, a construção civil, e administração pública, deve-se procurar uma fonte que tenha os dados das atividades deste setor desagregadas.

As três fontes citadas têm cada uma um particular modo de obtenção de dados e de agregação dos resultados (ou mais abrangente como na PED, ou mais detalhada como no RAIS).

A escolha da PENAD se deu pelo motivo de ter uma série histórica abrangendo toda a década de 1980 e seus dados são os mais desagregados com relação aos setores e subsetores de atividade econômica. Porém as demais poderão ser usadas em determinadas situações.

Capítulo 2

Dados Disponíveis

O estudo se propõe a analisar o setor terciário do estado de São Paulo, logo apresento primeiramente dados que mostrem a importância relativa desse setor frente aos demais setores e a participação de São Paulo na economia brasileira.

O crescimento do PIB⁶ nacional nos três setores econômicos agropecuário, serviços e indústria é apresentado no quadro 1. Do ano de 1981 a 1994 o setor que mais cresceu foi agropecuária, (em termos de índice)⁷ mas sua participação na composição do PIB é a menor dos três setores.

⁶ Produto Interno Bruto (PIB) como medida do fluxo total de bens e serviços finais produzidos, representados a custo de fatores incluindo subsídios e deduzidos os impostos indiretos. O ano base para o cálculo é 1980 com informações dos setores industrial, de serviços e comercial de 1985.

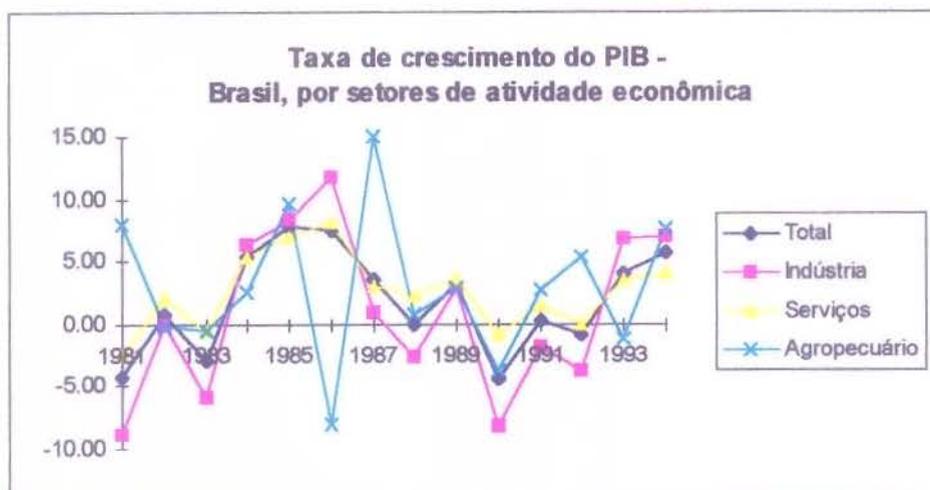
⁷ Índice de crescimento do PIB com o ano base 1980=100 e dados para o ano de 1994, sendo a fonte o IBGE: Indústria: 102.16; Agropecuário: 151.20; Serviços: 128.87; Total: 117.21.

Quadro 1) Taxa anual de variação do produto interno bruto brasileiro, por setor de atividade, em %.

	Total	Indústria	Serviços	Agropecuário
1981	-4.25	-8.84	-2.48	7.97
1982	0.83	-0.04	2.11	-0.22
1983	-2.93	-5.92	-0.53	-0.46
1984	5.40	6.31	5.35	2.63
1985	7.85	8.27	6.94	9.58
1986	7.49	11.66	8.1	-8.02
1987	3.53	0.99	3.14	14.94
1988	-0.06	-2.6	2.33	0.84
1989	3.16	2.86	3.54	2.85
1990	-4.43	-8.18	-0.93	-3.72
1991	0.24	-1.84	1.43	2.76
1992	-0.78	-3.72	0.04	5.37
1993	4.12	6.78	3.49	-1.23
1994	5.70	6.93	4.08	7.58

Fonte: IBGE - Depart. Contas Nacionais

Gráfico 1)



Quanto ao aspecto da na composição do PIB, tem-se os seguintes números:

Quadro 2)

	Composição do PIB por setor de atividade econômica, em %.								
	Primário			Secundário			Terciário		
	1980	1985	1991	1980	1985	1991	1980	1985	1991
Estado de SP	3.27	3.76	3.56	47.06	45.61	38.21	49.66	50.62	58.21
Brasil	10.16	10.5	10.05	40.98	40.1	34.58	48.85	49.39	55.35

Fonte: IBGE - Depart. Contas Nacionais

Verifica-se então que o setor terciário passou de 45 para 58% na participação na formação do PIB brasileiro, enquanto que a indústria passou de 47 para 38%. O significado é direto: houve um significativo aumento no peso do setor terciário na formação da renda nacional.

O comportamento do setor serviços acompanha o índice total, isto é melhor visualizado no gráfico 1. O significado deste comportamento é ser este setor fortemente influenciado pelos movimentos de crescimento e crise da economia como um todo.⁸

⁸ Granziera, Rui G. (Unicamp - mimeo)

A participação do estado de São Paulo na formação do PIB é vista no quadro 3. Por esta fonte, IBGE, o estado sozinho participa no ano de 1992 com 37.29% da renda do setor de serviços produzida no país.

Ainda quadro 2, observa-se que o setor de serviços colaborou com 37.34% do PIB paulista no ano de 1992.

Quadro 3) Participação do PIB do estado de São Paulo no do PIB Brasil.

	Total	Agrícola	Indústria	Serviços
1980	41.34	13.29	47.48	42.03
1981	40.59	13.65	46.88	41.43
1982	41.22	13.88	47.49	41.81
1983	40.86	14.97	46.19	41.53
1984	40.42	14.12	45.7	41.34
1985	40.69	14.33	45.89	42.11
1986	39.94	13.48	44.29	40.95
1987	39.39	14.47	44.33	40.31
1988	38.66	12.7	44.39	39.15
1989	38.44	12.26	44.07	38.43
1990	37.86	13.14	43.26	37.97
1991	37.55	13.33	43.27	37.37
1992	37.29	12.72	43.36	37.34

Fonte: IBGE - Depart. Contas Nacionais

Porém se tomarmos os dados do SEADE, quadro 4, este valor da composição do PIB paulista é superior a 50% apartir de 1981, e 54%

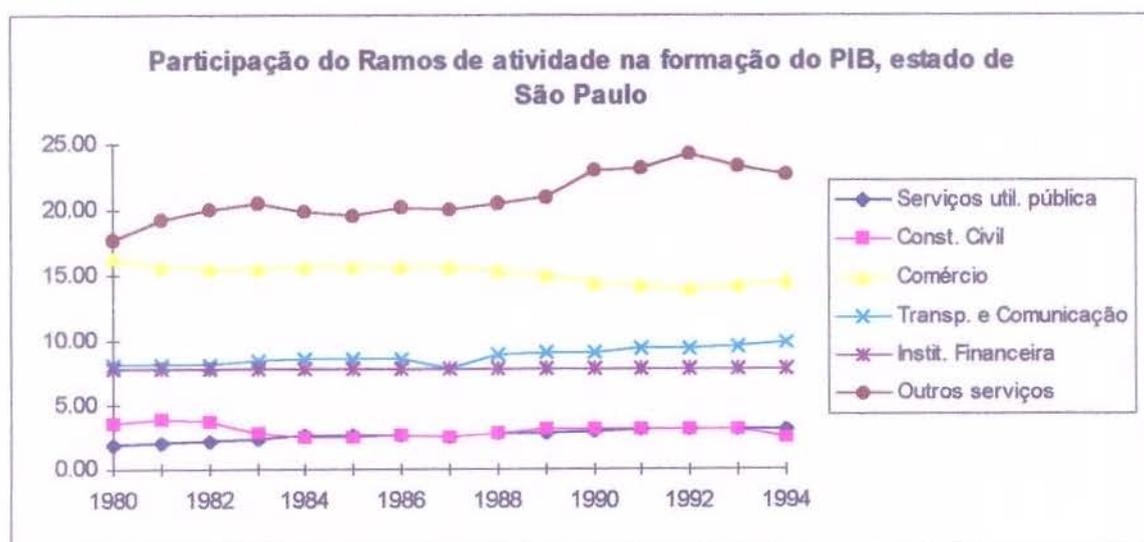
no ano de 1994. Esta fonte (SEADE) é a única que apresenta dos dados mais desagregados por ramos do setor serviços.

Quadro 4) Composição do setor terciário no PIB paulista.

	Serviços (Total)	Serviços util. pública	Const. Civil	Comércio	Transp. e Comunicação	Instit. Financeira	Outros serviços
1980	49.85	1.86	3.58	16.27	8.11	7.87	17.59
1981	50.96	2.03	3.88	15.70	8.13	7.87	19.25
1982	51.49	2.18	3.69	15.51	8.11	7.87	20.00
1983	52.21	2.40	2.78	15.44	8.40	7.87	20.49
1984	51.84	2.61	2.55	15.62	8.52	7.87	19.83
1985	51.58	2.69	2.55	15.66	8.58	7.87	19.47
1986	52.18	2.60	2.68	15.57	8.64	7.87	20.10
1987	52.24	2.53	2.50	15.58	7.87	7.87	20.05
1988	52.58	2.78	2.79	15.30	8.88	7.87	20.53
1989	52.92	2.79	3.19	15.05	9.03	7.87	20.97
1990	54.38	2.95	3.13	14.43	9.11	7.87	22.97
1991	54.65	3.07	3.07	14.27	9.34	7.87	23.17
1992	55.31	3.15	3.20	13.93	9.35	7.87	24.16
1993	54.83	3.10	3.12	14.20	9.52	7.87	23.24
1994	54.81	3.06	2.50	14.47	9.85	7.87	22.62

Fonte: SEADE - Anuário Estatístico 1995

Gráfico 2)



Sua melhor visualização está no gráfico 2. O comércio aparece como o seguimento que mais se destaca na formação da renda, oscilando entre 14 e 16% do total do setor serviços. Em segundo lugar aparece o seguimento das instituições financeiras.⁹ O item “outros serviços” que na soma total apresenta dados em torno de 20% nos anos de 1980 a 1994 é constituído por serviços de lazer, entretenimento, serviços domésticos, profissionais liberais, administração pública.

Os quadros 3 e 4 apresentam portanto a importância do setor serviços na formação da renda no estado de São Paulo e, a importância do estado de São Paulo na economia brasileira. Este fato é relevante para se mostrar a importância da análise desse setor em termos acadêmicos. Parte-se agora para os dados referentes ao crescimento da renda do setor serviços.

A taxa de crescimento do PIB dos diferentes ramos de atividade é apresentada no quadro 5. São mostrados os dados para os setores: utilidade pública, construção civil e serviços. Em seguida, os dados do setor serviços foram desagregados para melhor observação de qual ramo apresenta

⁹ O fato do número deste ramo apresentar-se constante igual a 7.16% foi motivo de questionamento ao responsável pela divulgação dos dados do SEADE por meio do Anuário/95. A resposta não foi encaminhada até a finalização deste trabalho.

um crescimento diferenciado. O que se destaca são os ramos de transporte, comunicação e comércio com crescimento entre 7 e 9% ao ano nos últimos 2 anos. Esses dados do SEADE podem ser comparados com dos dados do IBGE referente ao Brasil no quadro 6.

Quadro 5) Taxa de crescimento do PIB do estado de São Paulo, segundo ramos da atividade econômica, em %.

	Serv. Util. Púb	Constr Civil	Serviços	Comércio	Transp/ Com	Inst Finan	outros Serviços
1981	1.8	1.7	-4.7	-10.0	-6.5	-6.7	2.1
1982	8.9	9.1	2.5	0.2	1.2	1.4	5.3
1983	5.1	5.0	-3.4	-5.1	-1.3	-4.7	-2.3
1984	14.1	14.9	4.0	6.0	6.2	4.8	1.4
1985	11.6	12.2	8.0	8.8	9.3	8.5	6.6
1986	4.6	4.6	9.4	7.5	8.9	8.2	11.7
1987	-0.1	-0.6	2.8	2.8	3.9	2.7	2.4
1988	7.1	7.3	-1.9	-4.3	-0.9	-2.5	-0.2
1989	4.1	4.0	4.2	1.8	5.3	3.5	5.7
1990	-0.2	-0.5	-3.0	-9.4	-4.8	-5.6	3.5
1991	2.9	3.0	-0.4	-1.9	1.6	-0.9	0.0
1992	0.5	0.7	-0.9	-4.4	-1.9	-2.0	2.2
1993	4.2	-4.2	4.7	7.7	7.5	5.6	1.6
1994 ¹⁰	3.8	3.8	5.4	7.4	9.1	5.4	2.6

Fonte: SEADE - Anuário Estatístico 1995

¹⁰ Previsão

Quadro 6) Taxa de crescimento do PIB Brasil, por ramo de atividade, em %.

	Comércio	Comunicações	Instit Financ	Transporte	Outros serviços
1981	-6.13	12.82	6.64	-2.18	-3.60
1982	0.42	16.80	4.24	1.44	2.25
1983	-3.83	10.97	5.61	-2.07	-0.11
1984	3.74	13.18	7.73	4.34	7.86
1985	7.30	18.01	9.98	6.38	8.17
1986	7.61	19.63	-1.74	10.26	10.15
1987	2.54	9.10	-4.71	5.25	3.65
1988	-2.59	10.60	0.26	4.18	4.73
1989	3.05	19.17	1.37	2.31	2.96
1990	-6.24	9.00	-3.12	-3.09	1.03
1991	0.06	19.63	-8.03	2.50	-0.61
1992	-2.53	5.72	-4.62	2.38	-0.85
1993	6.68	10.73	-2.16	4.17	0.70
1994	5.66	13.59	-2.82	3.96	1.85
1995	7.43	24.26	-7.42	3.88	1.75

Fonte: IBGE - Departamento de Contas Nacionais¹¹

Por último, a composição dos empregados nos setores e ramos analisados foi extraídas da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PENAD) realizada pelo IBGE nos anos de 1981 à 1995 (com exceção de 1991 quando se realizou senso demográfico).

Os números absolutos apresentados pelo IBGE estão no quadro 7, porém o método para se chegar a estes dados leva em consideração

¹¹ Uma observação a ser feita. Os dados do estado de São Paulo são uma aproximação devido a forma pela qual são construídos, pois leva-se em conta somente o ano base 1980 e os únicos censos comerciais, industriais e de serviços realizados no ano de 1985. Os dados para o Brasil são mais expressivos no que se refere a realidade econômica dos últimos 15 anos.

as taxas médias de crescimento populacional extraídas do censo de 1980 e ajustadas pelo censo de 1991.

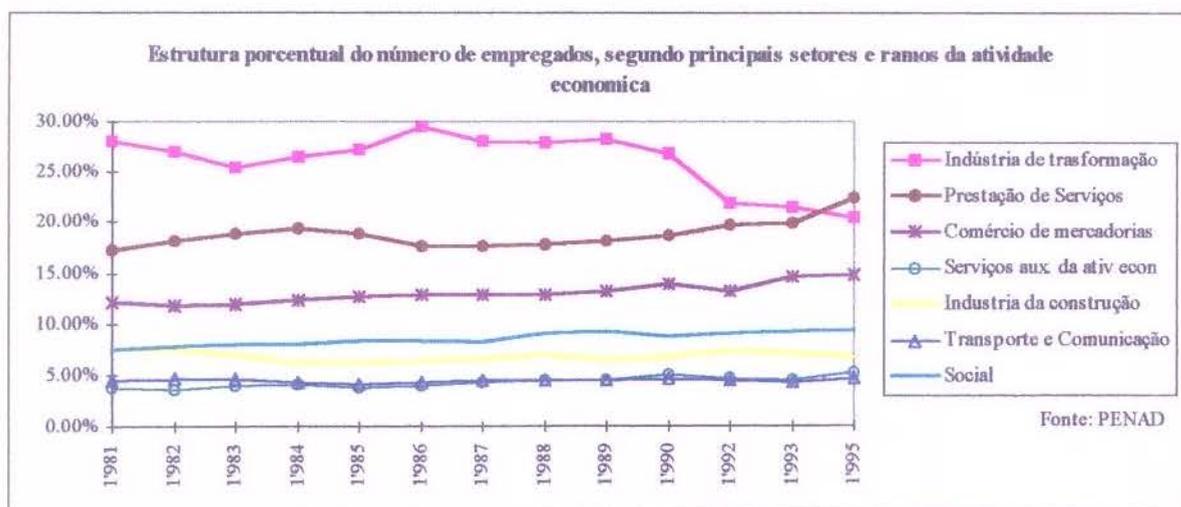
Quadro 7) Pessoas ocupadas no trabalho principal, segundo ramos de atividade, Estado de São Paulo. (1981-1994)

	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1992	1993	1995
Agrícola	1'166'180	1'208'499	1'279'179	1'249'330	1'167'806	1'155'198	1'211'842	1'056'790	1'030'360	993'177	1'480'103	1'497'168	1'303'257
Indústria de transf.	2'977'803	2'999'738	2'852'981	3'120'596	3'380'826	3'944'710	3'828'443	3'830'310	4'062'989	3'890'419	3'059'721	3'088'051	3'091'226
Indústria da construção	784'481	835'401	769'086	732'312	781'832	856'714	903'402	950'229	914'237	966'985	1'023'343	1'021'282	1'029'236
Outras atividades indus.	131'531	132'180	148'410	136'762	147'971	129'701	126'871	168'435	143'370	141'741	149'976	167'300	140'081
Com. de mercadorias	1'281'955	1'305'719	1'335'231	1'447'861	1'563'805	1'702'009	1'733'880	1'752'231	1'877'242	2'007'390	1'838'185	2'080'681	2'243'032
Prestação de Serviços	1'824'494	2'014'633	2'120'108	2'286'138	2'345'609	2'358'312	2'403'487	2'447'340	2'590'197	2'694'386	2'764'275	2'862'650	3'397'068
Serv. aux. da ativ econ	388'142	399'200	431'753	474'848	466'365	534'727	585'124	609'708	648'025	708'313	657'028	644'108	767'311
Transporte e Comun.	473'241	515'086	515'944	499'456	504'259	562'603	598'180	613'180	637'747	658'914	615'658	608'414	700'399
Social	789'276	860'794	893'180	937'686	1'040'652	1'113'513	1'110'199	1'240'817	1'315'867	1'257'270	1'276'927	1'318'783	1'432'972
Adm. Pública	386'626	420'857	386'171	406'967	484'143	525'625	529'478	572'199	555'498	618'133	627'818	607'564	626'001
Outras Atividades	437'049	447'093	498'384	520'360	599'719	526'531	578'474	526'413	595'832	540'632	519'810	448'348	422'967
Total	10'640'778	11'139'200	11'230'427	11'812'316	12'482'987	13'409'643	13'609'380	13'767'652	14'371'364	14'477'360	14'012'844	14'344'349	15'153'550

Fonte: Anuário Estatístico PENAD

Uma melhor maneira de se trabalhar com tais dados é verificar a evolução da composição relativa da população entre os ramos de atividade para o mesmo ano analisado. Tem-se então o gráfico 3.

Gráfico 3)

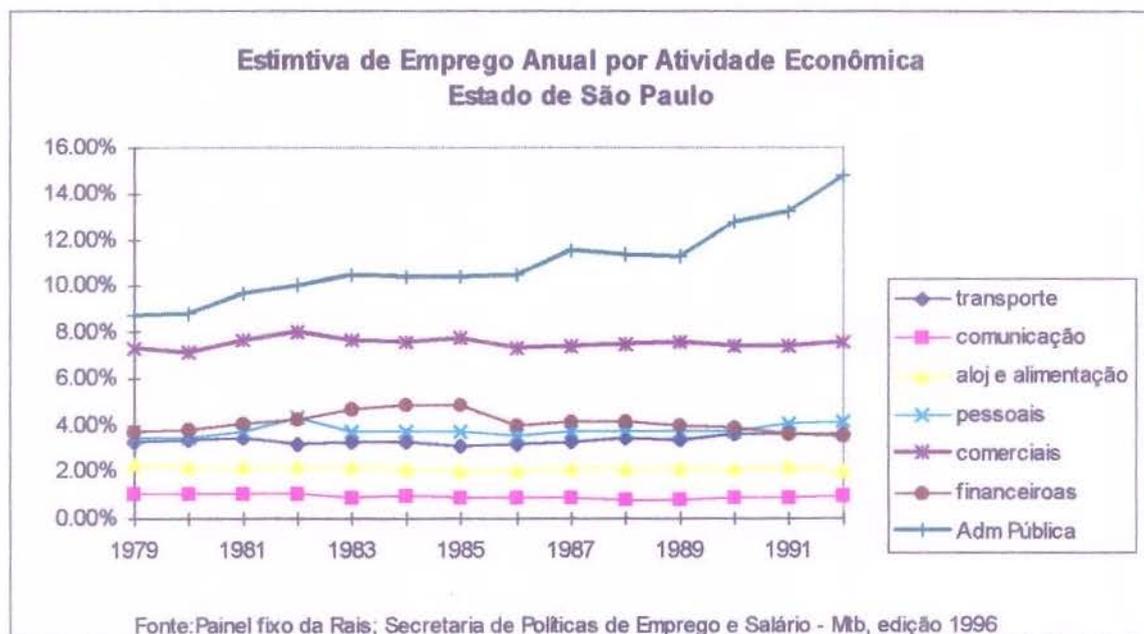


Observa-se que no setor industrial há uma queda na participação no número de empregados, passando de 27% para 20% entre os anos de 1981 a 1995. Enquanto isso o setor de serviços (somando comércio de mercadorias, prestação de serviços, serviços auxiliares da atividade econômica, transporte e comunicação, e social) passa de 44% para 56% no mesmo período.

Desta forma, tal fonte apresenta a evidência da importância do setor terciário na absorção de mão de obra.

Tomando-se agora os dados do Painel Fixo do RAIS 1979-1992, somente para as atividades de serviços, temos os seguintes números para a estimativa anual de emprego no estado de São Paulo (quadro 8). Em termos percentuais o setor de transporte é o ramo que mais emprega trabalhadores nesta pesquisa. Para uma melhor visualização tem-se o gráfico 4.

Gráfico 4)



Quadro 8) Estimativa de Emprego Anual por Atividade Econômica - Estado de São Paulo (em mil)

	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992
Extra. Mineral	23.9	24.7	22.5	20.7	16.8	16.1	16.9	17.1	17.7	17.6	17.7	16.2	15.3	14.2
Ind. Transformação	2679.5	2739.7	2398.6	2379.1	2188.8	2367	2601.5	2884.7	2725.5	2696.3	2824.4	2459.5	2286.4	2074.2
Construção Civil	476.9	492.4	490.5	444.1	318.3	318.8	346.6	388.7	381.3	422.3	418	332.1	324.9	280.2
Comércio	989.1	979.2	933.5	925.2	889.9	879.9	918.2	945	923.7	932.9	970	901.7	938.1	877.3
Serviços	2182.9	2206.9	2186.4	2187.3	2126.4	2185.3	2318.3	2333.3	2368.7	2432	2493.1	2294.7	2212.8	2123.6
transporte	258.2	268.9	261.1	239.9	237.8	243.1	251.5	272.3	271.5	289.2	295.8	287	278	269.6
comunicação	85.7	83.2	82.3	81.5	61	71.4	72.2	74.3	71.5	69.9	70.1	68.8	70.4	71.7
Aloj e alimentação	184	176.3	169.3	166.5	162.8	157.8	166.4	172.8	176.3	176.3	185.6	172.6	168.9	148.4
personais	272.8	276.1	282.2	329.2	270.8	282.4	296.1	300.2	308	316.2	323.5	297.1	313.8	307.8
comerciais	578.3	578.4	580.1	605.6	558.9	571.4	629.6	616.3	623.2	636.1	664.9	597	567.9	558.2
financeiros	296.7	303.9	311.2	318.7	340.9	364.4	390.1	338.3	346.3	349	347.2	308.3	279.2	258
Adm Pública	694.7	710.6	737.2	762	765.8	786.9	842.5	891.8	965.9	964.9	982.2	1027.1	1018.9	1092.2
total	7947.1	8076.6	7626	7607.7	7302.6	7565.6	8099.7	8489.1	8410.4	8488.3	8760.1	8052	7712.6	7397.1

Fonte: Painel Fixo do RAIS. Secretaria de Políticas de Emprego e Salário - Mtb, edição 1996

Por esta pesquisa reforça-se a idéia da importância do setor de serviços, e “dentro dele” fica claro qual o ramo de atividade que mais emprega. A diferença que possa acontecer em comparação com a PENAD se deve pelo fato da metodologia utilizada para cada instituto de pesquisa. A PENAD, como já mencionado, é uma pesquisa amostral e domiciliar com respostas fornecidas pelos próprios indivíduos. Já o RAIS é um inquérito feito diretamente nas empresas a respeito dos trabalhadores com carteira assinadas.

A primeira vista pode-se ter dois problemas: um empregado sem carteira se dizer trabalhador para a PENAD; a classificação (serviço / indústria) desse trabalhador ser diferente que a classificação que a empresa em que ele está empregado esteja qualificada.

Na seqüência serão apresentados alguns autores que refletiram sobre a questão do setor terciário. Primeiramente em alguns países da Europa, Estados Unidos, Brasil e finalmente o Estado de São Paulo.

Capítulo 3

Análise

Primeiramente nesta parte mostrarei algumas hipóteses das transformações ocorridas no setor terciário, com formulações para os países industrializados e para os países periféricos, mais especificamente para a América Latina e Brasil. Por fim levantarei hipótese quanto aos movimentos de emprego no setor terciário para o estado de São Paulo, analisando alguns gráficos da parte 2.

Uma corrente teórica que pretende mostrar as transformações ocorridas na sociedade e na economia nas últimas décadas é a Pós-Industrialista.¹² Neste modelo o centro dinâmico da economia segue uma seqüência de desenvolvimento iniciado com a agricultura, passando pela indústria e chegando no setor terciário. Para mostrar tais transformações, esta corrente baseia-se na composição setorial do PIB para explicar a importância

¹² Para mais: Dedecca, Cláudio Salvadori e Montagner, Paula (1992)

de cada setor e o grau de desenvolvimento em cada época específica da história.

Para exemplificar esta corrente tomo o artigo de Toffler¹³ que apresenta o conceito de *onda revolucionária*. Esta onda é a idéia de que a humanidade ao longo de sua existência passou por revoluções sociais e produtivas.

A primeira onda revolucionária foi a agrícola, iniciada há 10.000 anos, e se estendeu até o século XVII. Nesta primeira fase o ser humano se fixa à terra, cultivando-a e povoando-a, deixando para trás a vida de caça, saques e migrações.

A segunda onda se inicia na Europa, com mudanças planetárias no modo de vida e produção e é caracterizada pela produção industrial que se difundia (e ainda se difunde) entres os países.

A terceira onda revolucionária se inicia justamente no auge da segunda onda, nos EUA, na década de 1950. Em 1955 pela primeira vez o número de prestadores de serviços é maior que o número de operários. Foi também “a década que se assistiu à introdução em larga escala do computador,

¹³ Toffler, Alvin e Heidi (1996)

aviação comercial a jato, pílula anticoncepcional, e demais inovações de alto impacto” (sic, Tofler 1996).

No campo do emprego, os autores argumentam que com a terceira onda o emprego “requer qualificações diversas e em constante evolução, (...) virando de cabeça para baixo toda a problemática do desemprego”. Isto é, na segunda onda para se criar emprego bastava uma injeção de dinheiro para o consumidor final, pois ele iria destinar este aumento de renda ao consumo, fazendo com que o empresário ampliasse sua fábrica, necessitando portanto de mais mão de obra. Este empregado poderia “ser treinado em uma hora”, uma vez que não se exigia grandes qualificações.

No caso da terceira onda, a qualificação pessoal é a principal característica do operário, e mais, hoje em dia “bombardear dinheiro no bolso do consumidor pode simplesmente desviá-lo para fora do país, sem nenhum benefício para a economia doméstica.” Uma solução proposta pelos autores é de os desempregados atuarem na prestação de serviços, ajudando, por exemplo a população idosa, crianças, saúde, segurança pessoal, lazer, recreação e turismo.

Nesta mesma linha de pensamento encontra-se Del Masi.¹⁴

Partindo da constatação das mudanças tecnológicas das últimas décadas, em que se substitui não somente o trabalho físico, mas também o intelectual (caso de máquinas que substituem o engenheiro e o arquiteto com o programa de computador AutoCad), Masi defende a teoria de que devemos redistribuir o trabalho para que todos possam trabalhar.

O professor cita o caso de Bari (sul da Itália), onde os filhos dos operários foram contratados para trabalhar nos finais de semana, devido a problemas com o sindicato. “Todos ficaram felizes, porque os pais trabalham menos, e os filhos podem ter o dinheiro necessário para seus próprios gastos”. Lembra também do caso da Volkswagen alemã, onde houve redução de 40 para 28,8 horas semanais (28%), com diminuição de 12% dos salários. A empresa ganhou em economia e em produtividade, pois os trabalhadores produzem melhor e estão mais satisfeitos.

Neste contexto de alteração do trabalho físico para o intelectual, nota-se uma divisão mundial: aqueles países que produzem idéias e os que têm a produção industrial (por exemplo, Japão e China, respectivamente); “excluindo aí os países que sobrevivem da produção agrícola

¹⁴ Masi, Domenico Dal (1996)

e os que nada produzem”. O poder está com quem cria as idéias, logo o professor afirma de deveria-se “investir em laboratórios de pesquisa” (universidades, pesquisadores, artistas). Com uma tendência de se aumentar o tempo livre, haverá uma necessidade de ocupar as pessoas, e a produção mais importante será justamente aquela dirigida ao tempo livre, entrando aí a importância dos serviços.

Seguindo a linha de divisão do trabalho, Rifkin¹⁵ mostra a transformação que está ocorrendo na produção industrial e de serviços, isto é, a terceira revolução industrial com suas novidades em microeletrônicas, automações, entre outras.

Na questão do trabalho o autor define a “elite do trabalho”: aquele empregado qualificado, experiente, responsável pelas inovações e controle da automação. Esta automação substitui o ser humano na produção tanto de bens quanto de serviços. Com dados referentes aos Estados Unidos, 90 milhões de trabalhadores, de um total de 24 milhões, estão potencialmente vulneráveis a serem deslocados, com fim dos postos de trabalho, devido a inovações tecnológicas. A recolocação desses trabalhadores não se dá da mesma forma que aconteceu no passado, com a recolocação destes na

¹⁵ Rifkin, Jeremy (1995)

produção de novos produtos. Agora as fábricas serão virtuais, como afirma o autor, cada vez com menos trabalhadores. A argumentação de recolocação e retreinamento dos trabalhadores para postos de elite, como chama o autor, não é válida por ser impossível ter postos de trabalho em número tão grande nesta função. A grande massa de trabalhadores, numa visão crua, é totalmente dispensável.

Uma das conseqüências de tal transformação na estrutura produtiva, analisa Rifkin, é a oferta se contrapondo à demanda: quem irá consumir a produção e utilizar os serviços que são criados? - pergunta o autor. Para ele a solução também é a redução da jornada de trabalho, como fizeram as empresas Hewlett Packard e BMW. O Estado entrando com incentivos às empresas que mantêm seu quadro de funcionários é o caso da França que concede isenções fiscais e linhas de créditos especiais a tais empresas.

Uma corrente teórica alternativa para mostrar as transformações no setor terciário apresenta a hipótese de que é impossível compreender o crescimento do setor terciário desconectado do setor industrial.¹⁶ As inovações e modernizações tecnológicas nos setores produtivos levaria ao crescimento e a criação de novas atividades terciárias.

¹⁶ Para mais: Dedecca (1992)

A classificação das atividades terciárias de acordo com o destino se sua produção, como mostrado na parte 1, vem garantir um avanço na discussão da dinâmica econômica, mostrando que houve crescimento das atividades de serviços ligados a produção sem que o comércio ou serviços de consumo final crescesse as mesmas taxas nos países industrializados.

Um artigo nesta linha de pensamento é o de Granziera.¹⁷ O autor mostra que o crescimento do setor terciário está ligado à geração de renda no setor produtivo, porém não só. Pode-se dizer também que o setor terciário atua sobre si próprio, revolucionando, impondo necessidades e influenciando até mesmo a produção social. Isto mostra a interligação com a indústria e a tendência moderna de verticalização, isto é, contratação de serviços de terceiros para execução de serviços que antes lhe cabiam.

Outra relação que Granziera constata é a ligação do setor terciário com a urbanização, devido à necessidade de serviços públicos. Ou seja, mesmo com crises que afetam a órbita produtiva, o terciário pode permanecer como detentor de oportunidades de investimentos com certa lucratividade.

¹⁷ Granziera, Rui G. (Unicamp - mimeo)

Para tentar explicar o que ocorreu com o setor terciário na década de 80, Pacheco¹⁸ em seu artigo “A terceirização dos 80” mostra que de fato “ocorreu de tudo um pouco”. Isto é, parte da terceirização se deve pela conjuntura de baixo crescimento econômico, pelo ajustamento produtivo das empresas via externalização de alguns de seus serviços, como também um resultado da diversificação do comércio e dos serviços pessoais e do crescimento do setor público e atividades sociais.

O autor lembra que para o estado de São Paulo, o número de pessoas empregadas não deve ser tomado em consideração somente a PENAD pois se trata de uma pesquisa domiciliar. Deve-se ter também os censos de estabelecimentos (comercial / industrial / serviços). O autor também toma os números do RAIS, e comparando as duas fontes, chega a conclusões aparentemente contraditórias. Como esta monografia também apresenta dados tanto do RAIS como da PENAD, convém lembrar as explicações dadas por Pacheco para a diferença dos números. Isto se deve pelo fato, segundo o autor, do ajuste dos censos de estabelecimentos para o ano de 1979 através dos índices do painel fixo do RAIS e projeção dos dados para o ano de 1989.

¹⁸ Pacheco, Carlos Américo (1992)

Estas diferenças se devem também pelo fato da década de 80 ter sido de considerável crise em alguns setores industriais, com dispensa de trabalhadores, ou até informalidade das relações de emprego (contratação de mão de obra sem carteira de trabalho assinada). Porém Pacheco também mostra que houve aumento entre 1980 e 1985 no emprego no comércio e nos serviços segundo os censos de estabelecimentos.

Para o início dos anos de 1990 tomo a análise de Amadeo¹⁹. Em seu artigo o autor mostra que houve uma redução de 20% do emprego na indústria entre 1989 e 1993 devido a técnicas de gestão empresarial, novas tecnologias e terceirização. Tal redução não significou aumento no número de desempregados uma vez que o índice de desemprego do IBGE permaneceu abaixo de 6.5%.

O autor ainda mostra que “de 91/93 há diminuição do total de trabalhadores sem carteira assinada, mas isso não supera as dispensas da indústria”. A conclusão que chega é que houve aumento dos trabalhadores por conta própria, e o crescimento do emprego no setor de serviços é decorrente da terceirização, com contratação de mão de obra, inclusive sem carteira assinada.

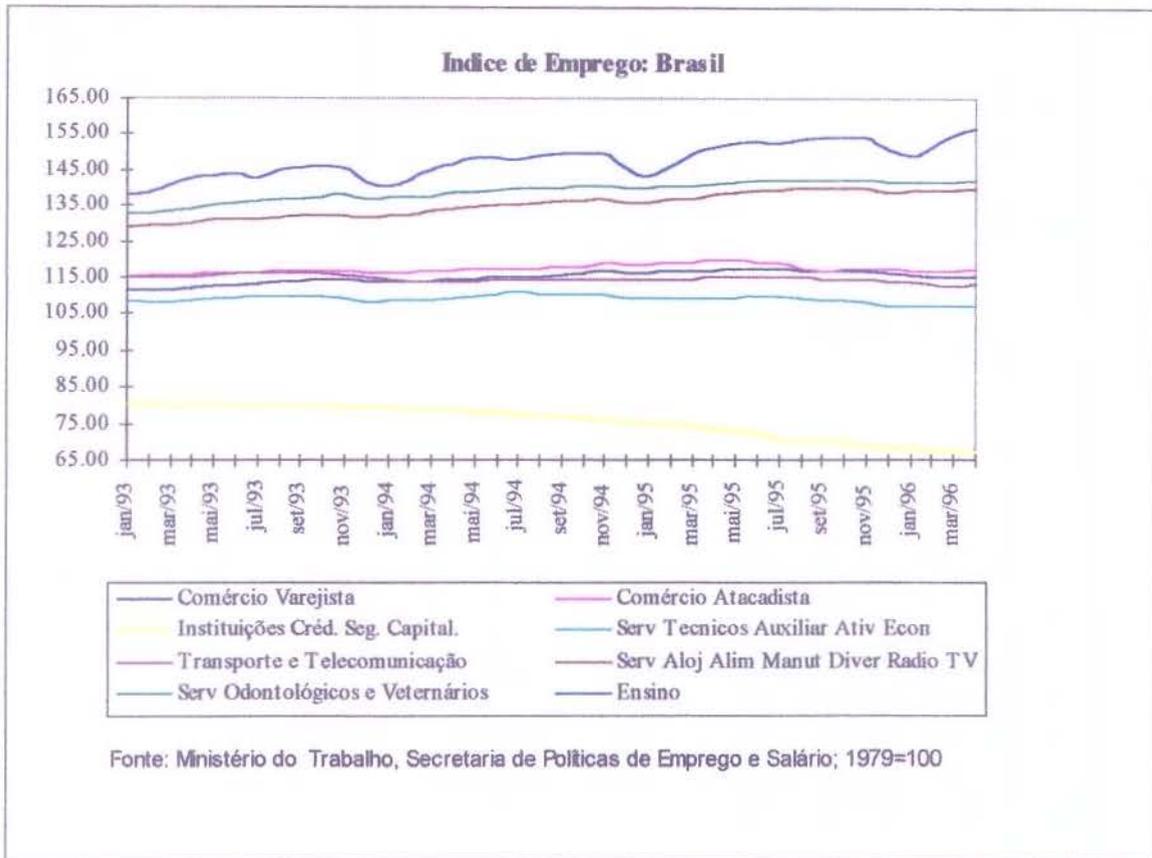
¹⁹ Amadeo, Edward J. (1996)

No gráfico 4 apresentado no capítulo anterior pode-se observar os dados até 1992, para o estado de São Paulo, segundo o RAIS, se referindo à estrutura de ocupação nos ramos de atividade dos setor terciário. De 1979 até 1989 a estrutura percentual permaneceu quase constante, só alterando mais significativamente o ramo Instituições Financeiras entre os anos de 1983 e 1985. Após 1990 o ramo da Administração Pública passa de menos de 10% para mais de 14% da absorção da população empregada. Todos os demais ramos permaneceram praticamente constantes.

Por estes dados verifica-se ainda, que os setores que menos empregam são - Comunicação, Alojamento e Alimentação.

O gráfico 5 apresenta o índice de crescimento do emprego, tendo também como fonte o RAIS, porém o Brasil é a referência. Os dados mensais entre janeiro de 1993 e abril de 1996 estão agregados de forma diferente do gráfico anterior, mas mesmo assim pode-se fazer a comparação necessária.

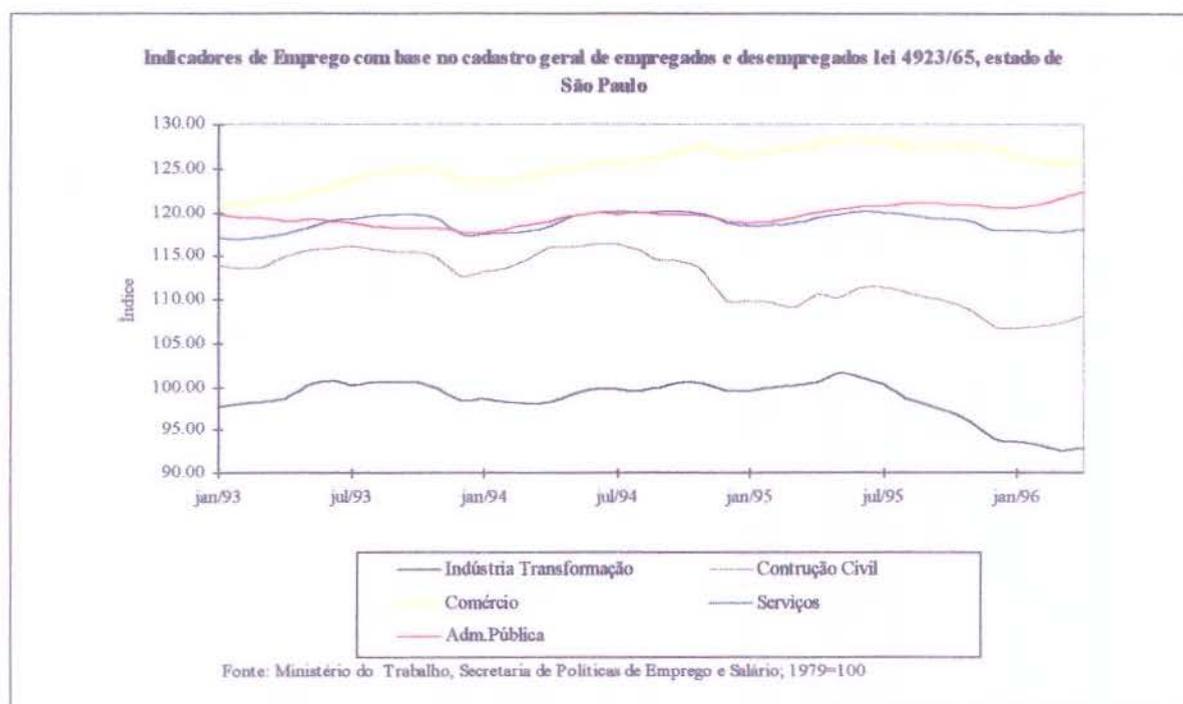
Gráfico 5)



Destaque para o ramo de Ensino, sendo ele o que mais cresce neste período. O dado para as Instituições Financeiras cai em todo o período analisado, demonstrando o processo de ajustamento frente a nova realidade brasileira de relativa estabilidade econômica. Os quatro outros ramos intermediários apresentam um índice quase constante, quando não decrescem ligeiramente.

Tomando os mesmos dados do RAIS para o estado de São Paulo, os indicadores de emprego presente no gráfico 6 mostram forte declínio na mão de obra absorvida pelo setor industrial, uma certa constância no ramo comercial e de serviços até julho de 1995 e seu declínio até julho de 1996.

Gráfico 6)



A partir dos dados em conjunto do Brasil e do estado de São Paulo pode-se intuir que para os ramos de comércio (atacadista / varejista), mesmo com o crescimento das vendas, com a recuperação econômica entre

1994 e início de 1995, elevação do PIB do setor de serviços, não houve aumento significativo aumento no emprego formal destas atividades.

Uma confirmação de tal hipótese pode ser os números do DIEESE da Pesquisa Mensal de Emprego e Desemprego (PED) realizada na região metropolitana de São Paulo. Tomando-se a média mensal de vagas de emprego oferecidas no 1º ano do Plano Real (jul/94-jul/95 - 20 mil vagas/mês) e comparando com a média do 2º ano do plano (jul/95-fev/96 - 12 mil vagas/mês) no setor de serviços e comércio, “isto não absorve mais o número de dispensas da indústria só do 2º ano de Plano Real”²⁰. Ou seja, a capacidade de absorver trabalhadores no setor de serviços diminuiu nos últimos 2 anos.

²⁰ Dados apresentados no Jornal O Estado de São Paulo de 14/04/1996, caderno B1.

Conclusão

Frente a este trabalho pode-se chegar a três conclusões.

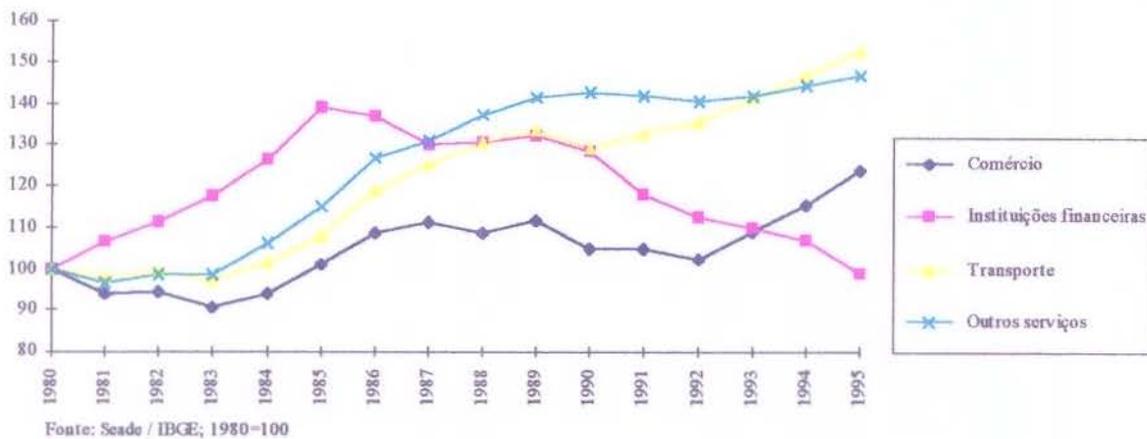
a) A década de 80 apresenta, por meio de diferentes fontes de pesquisa, o setor terciário como absorvedor de mão de obra. O motivo podem ser vários como mostra Pacheco.

b) O número de trabalhadores sem carteira assinada vem aumentando, ou seja, a informalidade do trabalho está aumentando, deteriorando as condições de emprego, condições apresentadas por Amadeo.

c) Nos últimos dois anos os serviços já não absorvem mais mão de obra proveniente principalmente da indústria, mesmo ocorrendo o crescimento da renda nos diversos ramos dos serviços como pode-se observar pelo gráfico 7.

Gráfico 7)

Índice de crescimento do PIB Brasil segundo setores e subsetores da atividade econômica.



Verifica-se que somente o ramo das Instituições Financeiras apresentou queda na sua formação da renda, todas as demais sofreram elevação no índice de crescimento do PIB. O ramo das Comunicações não foi apresentado para não prejudicar a visualização pois ele apresenta um crescimento muito mais acentuado, passando do ano base de 1980=100 para 1985=195, 1990=366 e 1995=724.

Constata-se então que todo o crescimento de renda que ocorreu no setor terciário não foi gerador de elevada contratação adicional de mão de obra como mostrada nos quadros da PENAD e RAIS.

Fica portanto a necessidade de se aprofundar a análise acadêmica sobre tal setor, de suas influências e conseqüências para a geração de mais emprego ou se há um limite para sua capacidade de contratação de mais mão de obra.

Bibliografia

ALMEIDA, WANDERLY J. M. e SILVA, MARIA DA CONCEIÇÃO Dinâmica do setor de serviços no Brasil emprego e produto, Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1973

AMADEO, EDWARD J. Ajuste empresarial, emprego e terceirização, in: Revista de Economia Política n° 61 jan-mar/96

ANDRADE, MÔNICA VEIGAS O setor de serviços no Brasil: a dualidade revisada (1981-1990). Belo Horizonte: CEDEPLAR (FACE/UFMG), 1994 (Dissertação de Mestrado).

CANO, WILSON e SEMEGHINI, U. C. Setor terciário no Brasil: Algumas reflexões sobre o período 1970-1989 In: ENCONTRO NACIONAL ANPUR, 4, 1991, Salvador, Anais...

DEDECCA, CLAUDIO SALVADORI e MONTAGNER, PAULA *A questão da terciarização na Região Metropolitana de São Paulo, In: ENCONTRO NACIONAL ECONOMIA, 19, 1991, Curitiba, Anais...*

DEDECCA, CLAUDIO SALVADORI e MONTAGNER, PAULA *Crises econômica e desemprego do terciário, in: SÃO PAULO EM PERSPECTIVA, vol 6 n. 3 jul.- set. 1992*

GRANZIERA, RUI G. *Notas sobre o estudo do setor terciário da economia paulista, Unicamp, mimeo*

MACEDO E SILVA, ANTONIO C. *Serviços e Desenvolvimento - algumas considerações Unicamp/IE - folheto*

MASI, DOMENICO DEL *Pela valorização do ócio e um novo bem estar, O Estado de S. Paulo, São Paulo, 10/mar/1996, Caderno 2, p. D18.*

PACHECO, CARLOS AMÉRICO *A terciarização dos anos 80*, in: SÃO PAULO EM PERSPECTIVA, vol 6 n. 3 jul.- set. 1992

RIFKIN, JEREMY *Estados Unidos enfrentam a reestruturação do mercado de trabalho*. Boletim Dieese, São Paulo, nº 175, p. 10-14, outubro 1995.

SCHMITZ, HUBERT *Automação microeletrônica e trabalho: a experiência internacional*, In: Schmitz, Hubert e Carvalho, Ruy de Quadros org. *Automação, competitividade e trabalho: a experiência internacional*, São Paulo: Hucitec 1988, cap. 3, p. 131-174.

TOFFLER, ALVIN e HEIDI *Terceira onda reformula imagem do mundo*, O Estado de S. Paulo, São Paulo, 10/mar/1996, Caderno 2, p. D2 - D3.